

## MULHERES NA PESCA: AFIRMANDO PRÁTICAS E SABERES

Gislane Damasceno Furtado

*Universidade Federal do Pará - gisdamasceno@hotmail.com*

**Resumo:** Este artigo resultado de dissertação de mestrado faz uma análise das práticas e saberes das mulheres pescadoras em comunidades ribeirinhas no município de Cametá/PA, buscando identificar que saberes de pesca elas possuem e entender como são produzidos pelo viés das relações de gênero já que a atividade de pesca é compreendida como masculina a partir somente da captura, do ato de ir ao rio, invisibilizando o trabalho feminino. Através da etnografia com entrevistas semiestruturadas e observação participante, assim como a descrição e interpretação dos discursos evidencia-se que os saberes femininos na pesca são constituídos ainda na infância em relações familiares bem como as mulheres estão envolvidas especialmente na pré e pós captura e que na captura ainda que de maneira irregular buscam diferentes estratégias de atuação já que as atividades domésticas definem e limitam seu trabalho em espaços distantes do lar. Nesta perspectiva, não encontramos exclusividade desses saberes por parte das mulheres, mas uma definição do tempo e espaço com que realizam a atividade de pesca marcada visivelmente pela divisão sexual do trabalho. Portanto, há necessidade de se discutir as relações que se estabelecem entre homens e mulheres nesses espaços. A história de vida das pescadoras em comunidades ribeirinhas se faz entrelaçada por relações desiguais entre homens e mulheres no contexto da pesca, definindo papéis que se naturalizam e conseqüentemente interferem em suas representações políticas e profissionais.

**Palavras-chave:** Práticas e saberes femininos, mulheres pescadoras, divisão sexual do trabalho, tempo e espaço.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, foco nos saberes femininos na pesca produzidos por pescadoras artesanais em comunidades ribeirinhas no município de Cametá, Pará, Brasil, tendo como análise as relações de gênero, pois quando se fala em pesca a presença masculina é quase que exclusiva na atividade sendo vista a partir somente do processo de captura. Neste sentido, há uma secundarização das atividades femininas na pesca em decorrência da submissão e subordinação aos ciclos da vida familiar. Deixa a entender que há saberes quando da divisão de papéis na atividade pesqueira.

Assim, tomando como referência entrevistas realizadas com mulheres pescadoras em Mapiraizinho e Joroca de Cima comunidades ribeirinhas do Município de Cametá, estado do Pará, procurei contextualizar o problema de pesquisa com a seguinte questão de investigação: *que saberes constituídos para além da captura na pesca contribui para afirmação das mulheres pescadoras enquanto sujeitos sociais?*

Os saberes que analiso para discutir o problema são considerados femininos por resultarem do conhecimento que as mulheres adquiriram na prática da atividade de pesca e pelas particularidades com que a realizam e expressam diante da divisão sexual do trabalho.

Para tanto, parti da compreensão de que os saberes de pesca se estendem para antes e pós-captura onde a presença feminina é maior. Por outro lado, entendo que o processo de captura realizado pelas mulheres com suas particularidades também merece destaque.

Desse modo, afirmo que as relações que se travam no espaço doméstico são as principais responsáveis pela definição da prática e dos saberes femininos na pesca, organizando o tempo e o espaço da mulher.

O presente trabalho está dividido em três seções na primeira apresento a produção de saberes femininos na pesca. Na segunda discuto sobre os saberes femininos e a divisão sexual do trabalho e por fim apresento os saberes femininos na pesca encontrados durante a pesquisa.

### **A PRODUÇÃO DE SABERES FEMININOS NA PESCA**

Os saberes femininos vão se caracterizando desde a infância em que a prática da atividade de pesca compreendendo aqui a pré e pós captura pela mulher se define em decorrência do espaço doméstico, pois aprendem a articulá-las. Em se tratando de captura os saberes necessários são aprendidos tanto com o pai quanto com a mãe em um determinado espaço geralmente nos igarapés e rios próximos do lar. Essa definição quanto à prática de pesca pela mulher também define os saberes para utilizar os instrumentos de trabalho como da seguinte fala: *“Aprendi com o meu pai... com a minha mãe... a gente ia pro mato pegar camarão, colocar a camaroeira, eu conserto camaroeira... não tem bom pra mim”*. (Maria Suely Ferreira, 42 anos, pescadora de Mapiraizinho)

É possível notar que os saberes femininos na pesca não estão relacionados a questões biológicas ou força física, mas a construção histórica, pois como afirma Braz e Neto (2006) o trabalho não se realiza cumprindo determinações genéticas; bem ao contrário, passa a exigir habilidades e conhecimentos que se adquirem inicialmente por repetição e que se transmite mediante aprendizado. Nesse sentido, *“o processo de trabalho é o que é central na produção de saberes”* (FISCHER e FRANZOI, 2015, p. 153).

Ao acompanhar na comunidade de Mapiraizinho a retirada de camarão da camaroeira ou viveiro (armadilha usada para depositar camarão), pude perceber como essa produção de saber vai acontecendo. Há uma iniciativa e um domínio em relação a mergulhar e puxar o instrumento de trabalho por parte tanto da pescadora como de sua filha, em relação a quantidade de camarão que pegam para o consumo da família e o cuidado quanto a limpeza retirando folhas e camarões mortos que possam dificultar o restante da produção (figura 1).



**Figura 01** - Meninas observam o trabalho que a mãe realiza na camaroeira ou viveiro e ao mesmo tempo vão aprendendo. Fotografia de Gislane Damasceno- 2015.

Portanto, o trabalho de pesca como espaço de produção do saber feminino é um espaço onde trocas e interações se realizam pela fala, gestos, olhares, que pode ser compreendido quando Schmitz (2015, p. 06) afirma que “*As relações de saber são relações dialógicas do sujeito com ele mesmo, com os outros e com o mundo*”. Barra (2013, p. 33) nos remete a esse debate quando reflete que:

As fases de aprendizagem do pescador artesanal revelam, portanto, que há, ao longo de sua trajetória, um processo de relacionamento e de apropriação com a natureza. A atividade da pesca torna-se, dessa maneira, uma articulação dos processos naturais e sociais na produção e reprodução do conhecimento.

Nesse sentido, para Hirata e Segninni (2007, p.28), “*a concepção [...] na qual o homem é o principal/único provedor e a mulher, a principal /exclusiva responsável pela esfera privada (cuidar da casa e da família)*” ajudaram a entender que dentro da atividade de pesca este também seja um dos obstáculos que impedem que os saberes femininos sejam realizados com maior frequência fora do espaço doméstico, especialmente os de captura.

As entrevistadas tanto em Mapiraizinho quanto em Joroca de Cima foram enfáticas ao informar que o trabalho de captura, especificamente os realizados mais afastados do espaço doméstico são em grande parte feitos de forma irregular, pois, interferem na dedicação dos cuidados com a família e nas tarefas do lar.

Portanto, para as mulheres pescadoras o trabalho de captura não seria uma obrigação como seria para os homens. Às vezes, observando que “o rio não está para peixe” e que dificilmente o companheiro fará uma pescaria farta, a mulher se antecipa e já coloca os matapis nas extremidades da casa, ou nos igarapés, para assim garantir o alimento do dia ou sua complementação. Quando não, se dirigem aos tanques<sup>1</sup> para retirar o peixe que está sendo criado há algum tempo. Outra maneira de suprir a necessidade da família é buscando nas camaroeiras o alimento depositado há alguns dias (ver figura 02). Sobre isso Vêras (2000, p. 57) afirma “*O saber é sempre uma interpretação mais ou menos elaborada (às vezes é tão somente intuitiva, outras vezes chega a ser formulada até como uma teoria). É uma construção social*”.

Sendo assim, ao dominar o processo de captura do camarão, por exemplo, não significa que os saberes femininos estejam limitados a esta tarefa, ou que seja exclusivamente realizada pelas mulheres, mas é importante enfatizar que é a atividade que mais realizam entre as atividades de pesca, especialmente por estar mais próximo do espaço doméstico geralmente em frente às residências como visto anteriormente na figura 1.

Portanto, os saberes femininos na pesca resultam de um processo que se inicia na infância, em uma troca de conhecimentos e experiências dentro da família pela prática da atividade e pela constante relação com a natureza afirmando esta mulher enquanto pescadora por ter conhecimento do que faz.

---

<sup>1</sup> Espaços construídos pelas famílias ribeirinhas para criação de peixes, em que também ocorre a produção “espontânea” de camarão.

## OS SABERES FEMININOS E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A divisão sexual do trabalho, segundo Alencar (1993) contribui para minimizar não só o trabalho da mulher como também silenciar os saberes femininos na pesca. Primeiro porque ainda se considera o processo de captura e o que se produz a partir do rio, como o mais importante, enquanto que as atividades em terra definido como trabalho reprodutivo em que segundo Hirata e Segnini (2007) por estar relacionado à combinação entre o espaço produtivo e a família é considerada uma extensão das suas tarefas domésticas o mesmo que trabalhar na casa.

Esse discurso ainda é encontrado, pois, as mulheres entrevistadas quando perguntadas sobre a realização do seu trabalho na pesca se referiam sempre a captura como sendo o primordial, em que pela diferenciada frequência com que executam a atividade acabam desqualificando o seu trabalho. Como da fala de Maria Sherly Barra, pescadora de Joroça de Cima, quando afirma “*é mais ele que vai*” referindo-se à captura, demonstrando que os saberes femininos que possuem quanto à fabricação e manutenção de instrumentos ou da habilidade destes, por exemplo, acabam sendo silenciados em decorrência da maior frequência com que os homens se “dedicam” à captura. Existindo, portanto, uma hierarquização tanto de atividades como de saberes.

Nessa perspectiva, segundo Sterns (2007, p.16) [...] “*há uma concordância geral de que a desigualdade entre homens e mulheres aumenta quando as sociedades mudam suas atividades econômicas da caça para a agricultura*”, influenciando, portanto, na definição das funções e papéis masculinos e femininos. Essa constatação se assemelha com o que acontece na pesca quando os homens são responsáveis na captura do peixe em áreas mais distantes, como enfatizou Maria Suely Ferreira ao lembrar-se de tempos em que seu marido saía para pescar em outros municípios, ou atualmente na abertura da pesca, em que vai para outras comunidades participar do evento e a ela cabe a função de cuidar da família.

Maneschy (2000) afirma que essas mulheres assumem uma grande responsabilidade em cuidar do lar na ausência do companheiro, bem como buscam diferentes estratégias para manter o grupo doméstico, em condições geralmente difíceis. Pois na maioria das vezes os pescadores viajam para a pescaria deixando pouco recurso ou quase nada para manter a família e por isso suas mulheres procuram realizar várias atividades que possam colaborar

para as despesas da casa. O que percebi com a pesquisa, é que essa reponsabilidade assumida por elas não ocorre somente no período citado tanto pela pescadora Maria Suely Ferreira como nos estudos de Manesky, mas tem se tornado constante na vida dessas mulheres pelos trabalhos que realizam para manter suas famílias em que se confirma a interferência ou superposição do trabalho doméstico em relação à captura como destacado abaixo.

Tem umas que participam, tem umas que não porque fica meio distante onde eles fazem a abertura da pesca, mas participa sim, quando dá pra gente participar... eu mesma não vou, mas ele vai, quando não dá pra ir, pra levar criança, tem que ficar fazendo as coisa na casa, tomar conta das criação...é isso (Maria Suely Ferreira, 42 anos, pescadora de Mapiraizinho).

A divisão sexual do trabalho na pesca pode ser entendida também quando Sterns (2007) apresenta o espaço e tempo como elementos essenciais na discussão de gênero que explicam não ser uma relação igualmente universal e, portanto, construções histórico-culturais e sociais. Como podemos refletir a partir da seguinte fala

Eu aprendi com meus pais. Depois de casada não aprendi nada porque tudo eu já sabia. Já sabia pescar com matapi. Já sabia pescar com malhadeira, com caniço. Só depois que eu meti com ele eu já não foi mais pegar camarão com paneiro né. E quando era com meu pai eu fazia mais do que agora. Agora pouca coisa que eu já faço. (Maria Sherly Barra, 35 anos, pescadora de Joroca de Cima)

As palavras da pescadora mostram que existe um domínio e, portanto, um conhecimento dos instrumentos relacionados à atividade que realiza, sua utilização e finalidade, não havendo necessariamente uma definição de que tais instrumentos pertencem a determinado gênero, mas que está relacionado à sua prática.

Rodrigues (2012) ao discutir a divisão sexual do trabalho na pesca do ponto de vista sociológico e o envolvimento de todos os sujeitos destaca:

Não se trata, então, de um trabalho relacionado a este ou aquele gênero, mas sim de uma experiência laborativa (...) numa esfera de trabalho que socializa as atividades, envolvendo a todos os sujeitos. A mulher, tal como o homem, domina também o processo de pesca em sua totalidade; constitui-se como pescadora porque sabe ações de pesca, não por ser cônjuge de um pescador (RODRIGUES, 2012, p.175).

Ainda por conta dessa responsabilidade construída historicamente e marcada pela divisão sexual do trabalho que é considerado por Ávila (2013, p.232) “[...] *um elemento central na estruturação das relações sociais de sexo/gênero*”. O trabalho feminino na pesca encontra dificuldade de reconhecimento social.

Enquanto que no trabalho produtivo a mulher pescadora participa ativamente, no reprodutivo o pescador tem o menor envolvimento não compartilhando as tarefas domésticas em igualdade de condições, por ser visto como espaço e “coisa de mulher”, justificativa para que não assuma tais responsabilidades, “havendo forte resistência masculina em compartilhar os afazeres domésticos, incluindo os relativos às crianças” (PINSKY, 2013,p.532).

De acordo com Ávila (2013) esse administrar dos afazeres de casa e a realização de atividades ligadas à pesca só ganhou novo sentido com o conceito de trabalho do século XX, a partir dos anos de 1970 reconhecendo o trabalho reprodutivo ou trabalho doméstico que segundo Ávila (2013, p. 231) “[...] *é parte de um processo político e de uma prática de produção do conhecimento que se constroem a partir do movimento feminista*”.

Esse novo conceito de trabalho precisa ser adotado também pelas organizações que representam os pescadores e pescadoras, como forma de legitimar os saberes que as mulheres pescadoras expressam através do seu trabalho. Nessa perspectiva, é que analisando a ficha de cadastro de uma das mulheres associada à Colônia Z-16 pude perceber que as informações sobre o trabalho que desenvolvem possuem um caráter muito técnico e burocrático, pois considera somente os instrumentos de trabalho e as espécies que captura. Nesse sentido, notei a delimitação feita à pesca especialmente em se tratando da atividade realizada pela mulher pescadora, seus saberes bem como os outros processos necessários à pesca como estratégias de produção, beneficiamento e comercialização em que participam ainda que de maneira bastante peculiar as suas possibilidades. Pensando por outro lado, esse cadastro também é uma forma dessas mulheres repensarem e refletirem sobre os saberes necessários para a realização do seu trabalho, entre outras questões.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Evidenciou-se que os saberes femininos em comunidades ribeirinhas no município de Cameté-pa relacionados ao trabalho na pesca é marcada pela divisão sexual do trabalho ainda

que ambos (homens e mulheres) desenvolvam a mesma atividade, mas em situações específicas.

Nossas investigações mostram que em função das responsabilidades domésticas por parte das mulheres, o tempo e espaço para a realização da atividade de pesca determinam esses saberes, inclusive durante o processo de aprendizagem quando os conhecimentos adquiridos estão relacionados à captura às proximidades do lar. Em relação ao tempo, encontramos uma particularidade quanto à frequência com que pescam, dependendo de situações como as tarefas domésticas, os cuidados com os filhos, a ausência do marido e o “fracasso” na pescaria realizada por ele. Essas são razões que também influenciam no espaço de trabalho da mulher em que se define como aquele mais próximo do lar que lhe permita o controle sobre este. Essa peculiaridade quanto ao tempo e espaço de trabalho da mulher na pesca implica também no conhecimento relacionado à confecção, manutenção e uso dos instrumentos de pesca entre os quais se destacam o matapi, o caniço, a tarrafa, o pari, o paneiro em que geralmente as mulheres estão envolvidas.

Portanto, os saberes de pesca que as mulheres possuem não são exclusivos a elas, e sim que foram e são produzidos em um espaço visivelmente marcados pelas relações de gênero que também definem o tempo e limitam a frequência de realização da atividade pela mulher e consequentemente o que precisam aprender.

### **Referências bibliográficas**

BARRA, José Domingos Fernandes. **A Relação Trabalho e Educação no contexto dos acordos de pesca em Cametá-PA:** Uma alternativa econômica ou uma prática de resistência? Belém, 2013.115 p. Tese (Mestrado em Educação). Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará.

BRAZ, Marcelo, NETTO, José Paulo. **Economia Política:** uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006. (Biblioteca básica de serviços social; v.1)

FISCHER, Maria Clara Bueno. FRANZOI, Naira Lisboa. Saberes do Trabalho: Situando o tema no campo do trabalho-educação. Trabalho Necessário- [www.uff.br/trabalhonecessario](http://www.uff.br/trabalhonecessario); Ano 13, Nº 20/2015.

FURTADO, Gislane D.; Barra, José D. F. **Pescadores Artesanais de Cametá:** Formação histórica, movimentos e construção de novos sujeitos. Cametá, PA: Novo tempo, 2004. (Coleção Novo Tempo Cabano; 5).

FURTADO, Lourdes; LEITÃO, Wilma; MELLO, Alex Fiúza (Orgs.). **Povos das águas:** realidades e perspectivas na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

GARCIA, Narjara Mendes. **Educação nas famílias de pescadores artesanais**: transmissão geracional e processos de resiliência . Rio Grande do Sul. RS. 2007.

GARCIA, Regina Leite Garcia (org.) **Aprendendo com os movimentos sociais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Sindicato: um lugar de aprendizagem. Sônia Latgé Milward de Azevedo

HIRATA, Helena e SEGNINI, Liliana. **Organização, trabalho e gênero** (organizadoras). São Paulo: editora Senac São Paulo, 2007. – (Série Trabalho e Sociedade)

Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária? Laís Abramo. Trad. Olga Cafalcchio. **Flexibilidade, trabalho e gênero**. Helena Hirata

MANESCHY, M. C. **Da casa ao Mar**: papéis das mulheres na construção da pesca responsável. Proposta Nº84/85 Março/Agosto de 2000.

\_\_\_\_\_ **Mulheres na pesca artesanal**: Trajetórias, identidades e papéis em um porto pesqueiro no litoral do estado do Pará. Editora da UFPA 2001

Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos / Delma Pessanha Neves, Leonilde Servolo de Medeiros (Organizadoras). – Niterói : Alternativa, 2013. 431 p. ; 23 cm. ISBN 978-85-63749-07-9

PINSK Carla Bessanenezi e Joana Maria Pedro. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas Veredas da Sobrevivência**: Memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos. Belém: Paka -Tatu. 2004.

RODRIGUES, Doriedson. **Saberes sociais e luta de classes**: um estudo a partir da Colônia de pescadores artesanais Z-16- Cameté/Pará. Tese (doutorado em educação) –UFPA, 2012.

SCHMITZ, Vera Regina. **Comunicação e saberes em diálogo: Perspectivas Internacionais nas Organizações Cooperativas**. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, Rj- 4 a 7/9/15.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.